

REZAMOS OU CELEBRAMOS?



Num ritmo que não é o nosso, mas que pertence a um vírus que é um completo enigma nas nossas vidas, pois nem sabemos de onde vem, onde está e para onde vai, eis-nos chegados à meta de um ano de convivência. Cerca de 15000 mortos depois, danos incalculáveis na economia, na vida social, na saúde física e psíquica, sinto ferverem em mim as dúvidas da fé.

Obrigado a um confinamento que não escolhi, nem desejei, vejo-me afastado de Deus
Sim, afastado de Deus.

Certo é que estes tempos e dias longos me deram tempo para Deus: li mais que o habitual, meditei mais que o habitual e rezei mais que o habitual. Uma dádiva desse covid ateu que assim, sem o saber, me deu mais tempo para estes momentos que aprecio, preciso e me fazem falta.

Mas ainda assim ele afastou-me de Deus. Porque, no que toca a celebrar, vi-me reduzido a um emparedamento que me obrigou a celebrar, não deixei de o fazer, de uma forma que não é celebrativa. Reduzido a mim mesmo, por vezes mais um ou outro colega, voltado para a simplicidade de uma mesa, no meio de quatro paredes, repito as palavras, os gestos e até os cânticos de uma normal celebração. Mas o problema é que tudo aqui não é normal.

Celebrar sem o encontro de olhares, celebrar sem o calor dos corpos, celebrar sem os cheiros da pele, celebrar sem os sorrisos ou as lágrimas partilhadas, não é celebrar. Celebrar exige encontro de corações, união de sentimentos e alegria da partilha; celebrar não é meramente rezar, isso o vírus não tirou mas antes aumentou. Celebrar é mais que rezar, porque há na celebração um misto de “eu e tu” que se cruzam e se entrelaçam numa ressonância única de louvor e de amor. Sim celebrar é amar, e amar é partilhar com, estar com, viver com... E não me digam que tudo se resolve de forma mística ou espiritual, porque já os antigos a esse amor chamavam platónico (ou seja ideal, mas não real), e o apóstolo refere que se “dizes que amas a Deus que não vês e não amas o teu irmão que vês és mentiroso”.

Celebrar é amar, amar cada rosto, cada vida, cada pessoa, cada história escondida e abafada no coração. Celebrar é deixar de ser eu para estar contigo e ser uma comunhão que se eleva até Deus. Por isso gosto de celebrar com gente (gente simples preferencialmente); gente que conheço, com quem vivo e com quem rio ou choro, com quem me cruzo na rua e com quem me chateio por vezes. Gosto de celebrar com o povo, sentir a sua verdade e a sua presença. Como padre, não quero rezar missa, prefiro celebrar missa.

Pode ser um gosto meu; mas também pode ser a verdade da celebração. Por mim, acredito que assim é, porque quando me fecho no meio de quatro paredes e celebro repetindo as mesmas orações, as mesmas leituras e como o mesmo pão ou bebo o mesmo cálice, sinto tanta solidão, tanto frio, tanto desencanto, que não consigo sentir e dizer que

celebrei. Rezei missa, nela apresentei as tuas e minhas intenções, mas faltou-me a celebração. Faltaste tu, falou o teu olhar, faltou a tua cumplicidade. E apetece-me por isso acabar com este maldito vírus ateu, que me afastou de ti e assim me afastou de Deus. Porque Ele não está lá quando tu não estas.

Preciso celebrar, preciso encontrar-te, preciso estar a teu lado louvando o mesmo Deus.